

Entre a voz e o texto: subjetividades nas leituras para cegos

Luciene Maria da Silva¹

Resumo

Este trabalho apresenta recortes de um estudo realizado sobre as dimensões subjetivas que podem ocorrer nas relações entre leitores (denominação dada às pessoas que leem em voz alta para o outro que não enxerga) e leitores cegos, no âmbito da leitura. A partir de uma abordagem qualitativa, utilizando relatos orais, o estudo buscou compreender a resignificação da leitura, das palavras ditas pelo leitor e ouvidas/sentidas pelo leitor cego. Como se constituem as interações mediadas por essa maneira de leitura? Como se processa o entendimento da palavra e do texto sob sonoridade? O estudo indica que a leitura mediada por um leitor comporta um paradoxo: se, por um lado, a leitura em voz alta para cegos é uma circunstância quase compulsória determinada pela carência de livros em braile, é também um recurso que pode proporcionar o fortalecimento de relações solidárias e identificações pelas histórias de vida, memória e cumplicidade.

Palavras-chave

Leitura; leitores; deficiência visual.

Introdução

Uma das dificuldades enfrentadas pelos cegos para o acesso ao conhecimento está na reduzida quantidade de livros editados em braile em todas as modalidades da literatura. A tecnologia atual, por meio da informática, tem se tornado um meio privilegiado para o acesso dos cegos ao mundo da escrita, possibilitando um considerável nível de independência na vida escolar, acadêmica e no trabalho. Entretanto,

Abstract

This role comprises part of a study exploring the subjective nature of this exchange and the resulting relationship that develops between readers for the blind and their blind readership. Utilizing a qualitative approach reinforced by oral accounts, the study sought to understand the subtle changes in the significance of texts and words when they are spoken by a reader to a listener, who hears and also reflects on the content. What constitutes these interactions? How are the meanings of words and texts processed via sonority? The research indicates that reading by means of a “reader for the blind” presents an interesting paradox. On one hand, reading out loud to blind people is an almost unavoidable circumstance given the shortage in braille materials. On the other hand, it is also a resource that can strengthen social relationships through a mutual appreciation of life history, memory and shared experiences.

Keywords

Reading; readers; blind.

apesar do avanço tecnológico e da demonstração sobre a sua utilização em benefício de pessoas com deficiência visual, sabemos das dificuldades no Brasil para o acesso digital, sobretudo referindo-se à parcela da população que tem alguma deficiência, uma vez que a prevalência de incapacidades está associada, em geral, a precárias condições de renda. Um dos meios mais utilizados pelos cegos para transpor as dificuldades de leitura é o acesso aos leitores, expressão habitual utilizada para denominar as pessoas que leem em voz alta para o outro que não enxerga. Essa maneira de leitura é muito habitual entre os cegos e os

¹ Professora doutora da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). E-mail: luciene@portfolium.com.br

seus familiares ou pessoas de convivência, que leem textos em formatos e conteúdos variados (panfletos, livros, *outdoors* etc.). Na sequência de escolaridade, os jovens cegos necessitam cada vez mais dos leitores devido à carência de material gráfico em braile, principalmente tratando-se de literatura mais especializada e/ou científica. Cabe, então, diferenciar os dois tipos de leitores a quem me refiro neste texto: denomino leitor aquele que lê para as pessoas com deficiência visual e leitor cego, o que escuta as leituras feitas em voz alta. Muitas vezes, os leitores representam a única alternativa viável para os que pretendem estudar ou informar-se sobre determinados conhecimentos, mas que se encontram impossibilitados pela inexistência de livros transcritos para o braile ou por não terem adquirido fluência necessária na leitura que resulte num aproveitamento minimamente satisfatório.

Meu interesse por essa “maneira de leitura” está em compreender as dimensões subjetivas que podem ocorrer nas relações entre leitores e leitores cegos na prática da leitura. Com esse objetivo, realizei um estudo de caso para investigar os limites e as possibilidades da leitura em voz alta, envolvendo leitores cegos e leitores a partir das percepções e subjetividades que emergem desta relação: a relação do leitor cego com o livro; o sentido e o significado do texto lido/ouvido e as subjetividades mediadas; a identificação entre leitor cego e leitor pelas suas histórias de vida, memória e cumplicidade; o sentimento dos sujeitos perante a leitura: o ato de presteza, generosidade, caridade ou filantropia.

Partindo de uma abordagem qualitativa com inspiração no método de história oral, o estudo focalizou as motivações dos sujeitos envolvidos na posição de leitor e leitor cego, destacando as interações das pessoas com deficiência visual no contexto da leitura e, por conseguinte, a doação da palavra, o dizer, a comunicação e também o empréstimo da voz nas suas circunstâncias. Para tanto, realizei entrevistas filmadas com três leitores e cinco leitores cegos, sendo cinco mulheres e três homens, com idade entre 27 e 66 anos. Todos os sujeitos têm curso superior nas áreas de Letras (dois), Filosofia (dois), Veterinária (um), Pedagogia (três). Desse universo, apenas um não cursou pós-graduação. Quatro trabalham como docentes (estando um aposentado) e quatro são funcionários públicos. A seleção dos sujeitos teve como principal critério a prática da leitura em voz alta como atividade frequente, justificada pela necessidade de leitura como

exercício acadêmico (entre os leitores cegos, apenas um não estava cursando pós-graduação) e profissional (três leitores têm a leitura como atividade funcional) ou como atividade voluntária. Um outro critério utilizado foi a disponibilidade pessoal dos sujeitos para os registros de imagem, considerando a intenção da pesquisadora em realizar um documentário abordando a temática.

Este trabalho apresenta alguns recortes do estudo realizado, em que destaca as dimensões subjetivas que podem ocorrer nas relações entre leitores e leitores cegos na prática da leitura. Trata-se de um exercício de reflexão no âmbito da referida pesquisa sobre o modo singular de fazer-se leitor por meio de vivências de leituras para apreensão de conteúdos. Algumas questões que guiaram a investigação foram: Quais as motivações dos leitores, alguns atuando por décadas, formando pessoas, informando e tecendo relações? Como se constituem as interações mediadas pela leitura entre leitores e leitores? Como se processa o entendimento da palavra e do texto sob sonoridade? O que pensam leitores cegos e leitores sobre suas *performances*? Quais as implicações que podem ocorrer na leitura, considerando aspectos como conteúdo, relação entre os sujeitos, relação com o livro e a garantia da fidelidade ao autor?

Os sentidos da leitura

Sabemos que os textos são lidos de formas diferenciadas quanto às expectativas e aos interesses. Para Cavallo e Chartier (1998), são essas determinações que imprimem significados aos textos lidos, definindo as compreensões, a apropriação dos sentidos, os hábitos e gestos de leitura. É nesse sentido que os autores consideram a história das práticas de leitura como “uma história dos objetos escritos e das palavras leitoras” (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p. 6). Daí podemos concluir sobre a impossibilidade de um leitor ideal, capaz de capturar um sentido preciso e verdadeiro do escrito de um autor. A leitura é também uma experiência estética, por mais que possamos falar em dados textuais objetivos. Os registros históricos singulares combinados com as experiências cotidianas provocam e produzem subjetividades distintas na interpretação de um texto. Como afirma Hebrard:

O trabalho de leitura é, em grande parte, um processo de produção do sentido no qual o texto participa mais como um conjunto de obrigações (que o leitor toma mais ou menos em consideração) do que como estrita mensagem. [...] Mas, além disso, se fica fácil compreender assim a maneira pela qual o leitor reativa, no seu ato de leitura, suas aquisições culturais anteriores, por outro lado, é muito mais difícil utilizar os mesmos modelos para explicar como o encontro com um texto pode remodelar um universo pessoal intelectual ou fantasmático (HEBRARD, 1996, p. 37).

Os estudos de Hebrard (1996), Cavallo e Chartier (1998), Manguel (1997) e Certeau (1994), entre outros, revelam que as representações da leitura no decorrer dos tempos mudam em função das significações intimistas e culturais da época. Antes do século XVIII, o estilo de leitura constituía-se na prática da escuta, da memorização e da recitação que perpetuavam conteúdos e ideologias. A leitura da Bíblia no período da Reforma era permitida apenas aos “iluminados” da Igreja, que alimentavam as audições santificadas, motivo pelo qual Lutero denunciou a intermediação obrigatória da palavra de Deus pelos clérigos da igreja. Os livros, sendo raros, difundiam o essencial, mesmo porque pouca problematização era possível, uma vez que nem a todos era dado ler.

A leitura em voz alta, como um ato público, é uma modalidade de leitura que praticamente caiu em desuso na sociedade moderna. Ler para o outro, atualmente, afora a prática teatral e a contação de histórias infantis, expressa algo como falta de autonomia ou incapacidade cognitiva ou visual. O processo de leitura é instigante, complexo e plural. “A leitura começa com os olhos”, diz Manguel. Prossegue ele dizendo:

Até aqui está claro para o leitor: as letras são aprendidas pela visão. Mas por meio de qual alquimia essas letras se tornam palavras inteligíveis? O que acontece dentro de nós quando nos defrontamos com um texto? De

que forma as coisas vistas, as “substâncias” que chegam através dos olhos ao nosso laboratório interno, as cores e formas dos objetos e das letras se tornam legíveis? O que é, na verdade, o ato que chamamos de ler? (MANGUEL, 1997, p. 42).

Questões como essas embalam as reflexões de importantes autores e escritores de variadas correntes literárias e científicas. Mas a abordagem de Manguel (1997) baseia-se na sua rica experiência como leitor do escritor argentino Jorge Luis Borges na década de 1960²:

Antes de encontrar Borges, eu lia em silêncio, sozinho, ou alguém lia em voz alta para mim um livro de minha escolha. Ler para um cego era uma experiência curiosa, porque, embora com algum esforço eu me sentisse no controle do tom e do ritmo da leitura, era todavia Borges, o ouvinte, quem se tornava o senhor do texto. Eu era o motorista, mas a paisagem, o espaço que se desenrolava, pertenciam ao passageiro, para quem não havia outra responsabilidade senão a de aprender o campo visto das janelas. Borges escolhia o livro, Borges fazia-me parar ou pedia que continuasse, Borges interrompia para comentar, Borges permitia que as palavras chegassem até ele. Eu era invisível (MANGUEL, 1997, p. 33).

Trata-se de uma outra maneira de leitura, que, por certo, toca nos sujeitos envolvidos de forma singular, definindo, assim, os resultados da leitura e a própria relação do leitor cego com o texto para a sua apreensão.

Ledores e leitores: subjetividades mediadas

Existem os ledores que emprestam a voz para a gravação de livros falados em fita cassete ou CD, para compor as audiotecas de

² “Borges venía a Pygmalion al caer la tarde, en el camino de regreso de su trabajo como director de la Biblioteca Nacional. Um dia, luego de seleccionar tres o cuatro libros, me preguntó si no podría ir a leerle por las noches, siempre que yo no tuviese otra cosa que hacer, dado que su madre, que había cumplido ya los noventa, se cansaba con facilidad”. Dessa forma Manguel inicia o relato das lembranças de suas leituras em voz alta para Borges no livro *Con Borges* (MANGUEL, Alberto. *Con Borges*. Madrid: Alianza Literaria, 2004).

instituições com estrutura de publicação para distribuição e comercialização, a exemplo da Laramara, Fundação Dorina Nowill ou o Instituto Benjamin Constant e para acervos particulares. Já os leitores presenciais atuam como doadores de vozes, leitores de textos selecionados pelos que não enxergam, suprimindo a carência existente na formação de pessoas com deficiência visual, em qualquer nível de escolaridade.

A leitura em voz alta para cegos leitores pode ser uma atividade voluntária, praticada mediante encontros agendados com essa finalidade, motivada por iniciativa pessoal dos envolvidos, ou uma atividade promovida por instituições (universidade, instituição especializada, ONG). Existem também os leitores que fazem leituras mediante pagamento, como um serviço prestado a terceiros. Observamos que a motivação principal dos leitores participantes da pesquisa para a atividade de leitura em voz alta para cegos é o gosto de ler:

Gosto muito de ler, sou um grande leitor, eu sou daquelas pessoas que não leem um livro de cada vez; posso ler dois ou três livros simultaneamente. Então eu sou um leitor contumaz, é um prazer que eu tenho de ler, e mais ainda, eu gosto de ler sobre assuntos os mais variados possíveis, apesar de minha experiência em universidade ser sempre ligada ao campo da biologia ou da medicina (Augusto, leitor).

Gosto de ler, a leitura nos dá possibilidades muito amplas de conhecer outros mundos e de facilitar até a nossa produção escrita, quem é um bom leitor, vai escrever com mais facilidade, é uma coisa muito gostosa (Paula, ledora).

Eu digo sempre aqui que o leitor tem que ser um bom leitor; agora, necessariamente o leitor pode não ser um bom leitor. Mas pra ser leitor, ele tem que ser um bom leitor, ele tem que ter prazer de ler, não existe alguém que busque a atividade de leitor se ele não gosta de ler (Áurea, ledora).

Já os leitores cegos evidenciam que a necessidade dessa maneira de leitura dá-se principalmente devido à carência de material em braile. Entretanto, as opiniões são diversas em relação ao meio mais satisfatório para suas necessidades: a leitura com leitores, a leitura por computador ou a leitura braile:

[...] o encanto da leitura braile não tem igual: você tocar, você mesmo perceber o que você está lendo, você entrar naqueles pontos braile, a gente entra a ponto de a gente imaginar uma palavra, a gente acaba imaginando a palavra na forma daqueles pontinhos (Rita, leitora).

A diferença está em que a leitura pelo computador ou pelo leitor, ela é mais rápida, porque ler um texto em braile é cansativo. Eu leio muito braile ... Mas, ao meu ver, a questão da leitura, o básico, a questão básica é a questão da velocidade, da rapidez que o próprio mundo nos impõe (Raul, leitor).

A leitura braile é aquilo que Rita disse, é a gente mergulhar no texto sem interferência afetiva, sem interferência de interpretação, de entonação, é só a gente e o texto mesmo (Isolda, leitora).

Eu esperei O Código da Vinci (em braile), porque é muito melhor a gente ler em braile; a gente viaja, a gente volta quando quer, a gente lê o livro até quando a gente está deitado, a gente coloca o livro em cima da nossa barriga, ele aberto, e lê tranquilamente, às vezes eu cochilo, o livro cai, mas eu adoro ler em braile... (Graça, leitora).

Eu prefiro hoje utilizar a informática e o leitor, justamente por causa do acesso mais rápido à informação (Milton, leitor).

As falas expressam o desejo de autonomia, principalmente se considerarmos o preconceito social e o descaso dos poderes públicos em relação à acessibilidade e aos direitos civis das pessoas com deficiência, que potencializam as limitações, tornando-os dependentes em diversos aspectos. Cabe destacar a percepção dos leitores cegos sobre a leitura com leitores:

Olha, na sociedade em que a gente vive, eu entendo ainda que é uma atividade indispensável pra nós que temos deficiência visual, justamente porque através deles a gente tem acesso mais rápido à leitura. A gente vive em uma sociedade que ainda não buscou meios pra fazer com que a gente tenha o mesmo acesso que as pessoas que enxergam têm à leitura, apesar da informática, apesar do sistema braile, e os leitores facilitam bastante (Milton, leitor).

Uma pessoa lendo pra você muitas vezes é mais rápido, é mais prático, porque a visão possibilita uma percepção mais rápida e mais ampla; de repente, eu peço a pessoa que está lendo pra mim: esse parágrafo não, passe pra o último... Então é bem mais rápido, é uma coisa mais ágil (Rita, leitora).

Tem um detalhe assim, que com o leitor, dependendo da afinidade que você tenha com o leitor, do entrosamento e da afinidade, também é bastante interessante e modifica a leitura, dependendo do laço de afetividade que você tem com o leitor, com a afinidade que você tem de ideias, a harmonia que você tem... (Isolda, leitora).

Com os leitores faço aquelas leituras que eu não tenho em braile, não tenho gravada, assim, uma revista, o jornal, porque a gente pode acessar a internet e ler o jornal... Peço pra ler folhetos que eu recebo, minhas correspondências, às vezes... (Graça, leitora).

A leitura para cegos envolve técnicas para sua otimização, buscando expressar determinados signos/códigos de escrita que permitem o entendimento do texto. Por exemplo, a entoação é fundamental para a leitura: a voz deve ter altura média, ritmo regular, com variações conforme a ambiência. Os recursos gráficos e as fotografias devem ser decodificados com detalhes, bem como as notas de rodapé. Alguns sinais de pontuação, como aspas, parênteses, travessão, devem ser lidos de forma a expressar os destaques do texto, entre outros aspectos. Esses cuidados, entretanto, seguidos ou não, combinam-se com as características e a história pessoal dos leitores e dos leitores cegos, resultando numa prática de leitura que comporta variadas nuances, a depender da natureza das relações entre os sujeitos envolvidos. Referindo-se a isso, temos os seguintes depoimentos:

Quando eu estou lendo pra alguém, vai depender da minha relação com a pessoa; se eu já tenho uma relação de amizade, aí eu já me sinto à vontade pra interagir com o texto, pra comentar alguma coisa... é mais emocionante, é mais produtivo pra mim; se eu estou lendo pra alguém que eu não tenho aproximação, é a primeira vez que eu estou lendo para aquela pessoa, eu procuro ser imparcial, eu não sei qual é a vontade dela, eu não sei se ela gosta que a pessoa dê palpite no que está sendo lido, aí eu evito esse envolvimento (Paula, ledora).

Eu estava lembrando de um fato que aconteceu comigo: uma pessoa que foi ler pra mim e eu estava estudando gramática, e ela parava de ler pra contestar a gramática, o autor, ia pra o dicionário e pegava outras gramáticas; eu não estava gostando muito daquilo, mas como tinha sido a primeira vez, aí eu deixei e tal... fiquei quieta, deixei ela ler... Inclusive porque era agressiva (Rita, leitora).

Eu prefiro que seja imparcial, a não ser que seja uma pessoa assim que tenha afinidades... Aí é interessante que ela leia e que ela faça as interferências, que a gente comenta até... (Isolda, leitora).

Mas eles intervêm na leitura, nós estamos lendo e eles pedem:

– Volte a ler isso aqui, volte a ler esse trecho... E a gente traz a emoção, a emoção em relação ao texto, que está ali, uma coisa que mexe com a gente (Áurea, ledora).

Geralmente, a gente gosta quando alguém lê pra gente que tenha uma certa emoção na leitura; o que acontece muitas vezes é que alguns leitores ultrapassam esse limite: muitos querem ler parágrafo por parágrafo, comentam e querem discutir; então, eu preciso chamar atenção que naquele momento eu quero ler pra eu compreender o texto e fazer o meu trabalho, porque desse jeito atrapalha (Milton, leitor).

Se eu perceber que as considerações do leitor são pertinentes, são assim relevantes, eu prossigo e dou margem para que a gente possa continuar interagindo; mas se, porventura, eu perceber que não, tranquilo... Agora, a minha preferência é seguir a leitura... (Raul, leitor).

A gente pede pra ler o que a gente está querendo realmente ouvir: “Você lê o índice, por favor?” “Você lê tal capítulo pra mim?” “Você lê mais alto?”. Às vezes a gente tem mais liberdade com a pessoa, pede pra pronunciar o “s” com mais ênfase, a pessoa que a gente tem mais aproximação, ainda, a gente pede pra pontuar assim, assim entendeu? (Áurea, leitora).

Essas experiências de leitura forjam encaminhamentos no sentido de melhor aproveitamento da atividade. A preferência por leitores ou leitores é um deles:

Eu tenho minhas preferências, assim como as pessoas pra quem eu leio preferem também ou a mim ou prefere a outro, existe, sim, essa preferência (Paula, ledora).

Eu gosto de ler com alguém que eu tenha confiança, porque é uma entrega, você está ali, a pessoa está sendo suporte, no caso para o cego, a pessoa tem que confiar; aí você acaba desenvolvendo e acaba tendo uma produção mais significativa do que se tivesse lendo com outra pessoa; isso é notório com todos os deficientes visuais, as relações intersubjetivas, as relações subjetivas, acontecem muito, ledor e usuário, ledor e leitor, porque nós que somos os leitores e eles são os ledores (Raul, leitor).

Essas subjetividades mediadas são tão marcantes, que a leitura, seu conteúdo, ledores e leitores cegos imbricam-se, forjando lembranças que são qualificadas na memória. A leitura em voz alta para um outro que não enxerga, por ser algo muito significativo como experiência, determina uma lembrança que não separa a voz do ledor ou a pessoa do leitor do conteúdo do texto; ou seja, a voz reverbera em recordações quando se acessa um texto lido no âmbito de uma leitura em voz alta, porque mobiliza o ledor e o leitor cego, ambos se alteram na experiência dessa maneira de leitura:

Depende do sentimento que a gente teve, bom ou ruim, a gente acaba carregando... Se foi uma leitura que me trouxe um sentimento bom, ou um aprendizado, uma experiência boa, eu acabo lembrando de algum comentário, da entonação, do parágrafo, exatamente do que foi lido por aquela pessoa, a gente carrega (Rita, leitora).

Tem texto que eu falo: esse texto é Isolda, aqui é Isolda; aquele texto sempre tem a cara de Isolda ou a cara de alguém que eu li, é sempre assim (Paula, ledora).

Lembra, a gente lembra, com certeza, porque grande parte do referencial que eu venho construindo, do ponto de vista de acúmulo das minhas leituras, são através de um ledor, e aí essa lembrança é inevitável, a gente, enfim, vai memorizando, vai incorporando ao nosso repertório todas aquelas informações (Raul, leitor).

Eu prefiro a voz da mulher... Eu não sei nem te explicar, é questão de preferência mesmo, prefiro que a mulher leia pra mim; mas têm alguns voluntários lá, que leem muito bem, é só uma questão de preferência, apesar de ter poucos homens; geralmente os homens não se declinam tanto a fazer esse trabalho (Milton, leitor).

A voz tem um papel fundamental nessas leituras. Ela veicula intenções e posicionamentos que se confirmam ou não, a depender da intensidade e da característica das relações estabelecidas. Segundo Larrosa:

A voz não só nos dá o tom passional ou afetivo do pensamento, o que daria sua relação com o sentir, com os padecimentos ou os afetos da alma, mas também seu tempo, seu ritmo, e um ritmo que seria ademais polirrítmico como polirrítmica é a vida e tudo que lhe pertence, e assim, enquanto na palavra escrita o encadeamento das palavras, sua continuidade, faz-se por meio da lógica do conceito, ou do argumento, na palavra oral a conexão se faz por ressonâncias, por variações melódicas ou por alterações rítmicas (LARROSA, 2004, p. 39-42).

Identificamos na relação ledor/leitor cego possibilidades de experiências, algo de confiança na palavra intermediada pela voz do outro que vê; de generosidade na voz que empresta significados, ou ainda incompreensões nos silêncios lacunares da leitura. Contudo, não desconhecemos que, sendo uma atividade voluntária, pode adquirir uma característica de filantropia ou uma forma de amenizar carências sociais, que definem subjetividades diversas. Se, por um lado, a leitura em voz alta para cegos é uma circunstância quase compulsória, determinada pela carência de livros em braile, é também um recurso que pode proporcionar o fortalecimento de relações solidárias e de interações que permitem mais sociabilidade para as pessoas com deficiência.

Considerações finais: qualquer maneira de ler vale a pena

Neste estudo, procurei apresentar algumas dimensões subjetivas que emergem da prática de leitura em voz alta feita por ledores para

leitores cegos. Busquei olhar o modo singular de fazer-se leitor por meio de vivências de leituras para apreensão de conteúdos; as motivações dos sujeitos envolvidos, abordando a confiabilidade, a disposição, a disponibilidade; e outras histórias que emergem desta relação. Isso nos permitiu refletir sobre o significado da leitura ouvida pelos cegos para além dos aspectos objetivos que dizem respeito às características de leitura.

O leitor passa a ser um mediador essencial entre o autor e o leitor, ou seja, a apreensão do texto escrito numa relação direta entre leitor e texto é bem diferente da leitura intermediada, pois as falas, as vozes dão um outro “tom” que predispõe à recepção da leitura os que ouvem. Nessa relação leitor/leitor cego cabem adaptações dos sujeitos nas suas preferências por melhor compreensão: a leitura pode ser mais acelerada em determinadas passagens, mais delicada, com pausas etc. Nesse caso, é preciso considerar a interpretação do leitor como uma entre tantas quantas pode ser a tradução de um texto, ou seja, a fidelidade ao autor é algo não garantido pela recepção de uma leitura mediada; convém refletir sobre a autonomia do leitor cego para interpretar um texto lido pelo leitor e sobre a importância do braile para promover tal autonomia. A leitura mediada, seja pelo computador, seja pelo leitor, se não for como uma opção entre outras, pode estar ocasionando o distanciamento do braile, que é o que permite o aprendizado da leitura e escrita para as pessoas com deficiência visual.

Com essas considerações, podemos concluir que a leitura mediada por um leitor comporta um paradoxo: é praticada como recurso obrigatório pelos leitores cegos, dada a insuficiência de livros traduzidos em braile, e como atividade voluntária pelos leitores, o que imprime um caráter filantrópico que caracteriza a atividade e provoca tensões que podem desfavorecer a aproximação entre o leitor cego e o texto. Mas é também a atualização de um tipo de leitura que caiu em desuso, uma ação de presteza e solidariedade que permite aproximações e identificações pelas histórias de vida, memória e cumplicidade.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. *Diferentes formas de ler*. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2007.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

HEBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Jamerey-Duval aprendeu a ler. In: CHARTIER, Roger (Coord.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel*. Políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Con Borges*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

Recebido em junho de 2008 e aprovado em novembro de 2008.